

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.005



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A LEI E A LITERATURA: LEWIS E PAULO EM DIÁLOGO¹*Law and Literature: Lewis and Paul in Dialogue*Flaviano Nogueira Siedeliske²**RESUMO**

O presente artigo apresenta uma pesquisa referente ao uso que C. S. Lewis faz de sua literatura para transmitir seu pensamento e experiência pessoal a respeito da relação do ser humano com a Lei de Deus. Para isso, o objeto de estudo é o livro *O regresso do peregrino*, bem como o diálogo da obra com a vida de Lewis e o relato do apóstolo Paulo em Romanos 7. A pergunta que este artigo pretende responder é: como é possível compreender o problema do legalismo a partir da Teologia Imaginativa de C. S. Lewis? E a hipótese defendida é que, baseado em Romanos 7 e em sua própria experiência pessoal, o autor demonstra que uma relação legalista com a Lei de Deus não produz nenhum alívio para a alma, mas somente frustração pelas constantes falhas e medo pela condenação. A partir da metodologia de pesquisa bibliográfica, dentre os resultados encontrados, destaca-se: 1) a sociedade legalista e moralista apresentada em *O regresso do peregrino* fazem com que a personagem principal tenha uma visão incorreta do relacionamento com o Deus daquele mundo; 2) o relato do Apóstolo Paulo demonstra um grande conflito interno e uma frustração com relação ao cumprimento da lei; e 3) a visão legalista a que Lewis foi submetido em sua adolescência fez com que o mesmo abandonasse a fé e mergulhasse no ateísmo.

Palavras-chave: C. S. Lewis. Literatura. O regresso do peregrino. Lei. Paulo.

¹ Este trabalho é parte da pesquisa para a Dissertação de Mestrado “Mais real que a realidade: a Eternidade (Céu, Inferno e Purgatório) para C. S. Lewis antes de Nárnia”, financiado pela CAPES e defendido, em março de 2025, na Universidade Federal do Paraná. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/95427>.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (Bolsista CAPES) (2025). Especialista em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná – FABAPAR (2018). Graduado em Letras – Português e Inglês pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba – FARESC (2016). Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná – FABAPAR (2019-atual). E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.

ABSTRACT

The present article presents a study on the manner in which C. S. Lewis employs his literary work to convey his thought and personal experience concerning the relationship between the human being and the Law of God. To this end, the object of analysis is *The Pilgrim's Regress*, as well as the dialogue established between the work, Lewis's own life, and the Apostle Paul's account in Romans 7. The central question this article seeks to address is: how can the problem of legalism be understood through C. S. Lewis's Imaginative Theology? The hypothesis advanced is that, drawing on Romans 7 and on his own personal experience, Lewis demonstrates that a legalistic relationship with the Law of God offers no relief to the soul, but rather produces frustration due to repeated failures and fear of condemnation. Based on a bibliographical research methodology, the main findings include: (1) the legalistic and moralistic society portrayed in *The Pilgrim's Regress* leads the protagonist to develop an incorrect understanding of the relationship with the God of that world; (2) the Apostle Paul's account reveals a profound inner conflict and frustration regarding the fulfillment of the law; and (3) the legalistic outlook to which Lewis was subjected during his adolescence contributed to his abandonment of faith and his subsequent immersion in atheism.

Keywords: C. S. Lewis. Literature. The pilgrim's regress. Law. Paul.

INTRODUÇÃO

Clive Staples Lewis (1898-1963), autor de *As Crônicas de Nárnia* (1950-1956), escreveu diversas obras literárias e teológicas. Apesar de manter-se, principalmente, no campo da literatura fantástica, suas ficções possuem diversas reflexões teológicas e dialogam em grande medida com sua vida pessoal e pensamento religioso. Exemplo disso é a obra *O regresso do peregrino* (1933), uma obra em que Lewis trata, indiretamente, de diversas questões teológicas, como o Livre Arbítrio, a conversão cristã e a Eternidade. Todavia, o foco deste trabalho será uma análise sobre a Lei e o legalismo representados na obra.

Parte-se do pressuposto que Lewis realiza uma Teologia Imaginativa na obra em questão, ou seja, uma produção teológica que não se prende ao racional ou sistemático, mas veicula reflexões teológicas “pela via da literatura de fantasia, que lida com o maravilhoso, o extraordinário, o fora do normal”.³ Logo, a relação legalista da personagem João ao receber as regras do Proprietário é uma alusão tanto à descrição de Paulo em Romanos 7 e da própria visão legalista que Lewis possuía da religião cristã na sua adolescência.⁴

A pergunta que esse artigo pretende responder é: como é possível compreender o problema do legalismo a partir da Teologia Imaginativa de C. S. Lewis? E a hipótese defendida é que, baseado em Romanos 7 e em sua própria experiência pessoal, o autor demonstra que

³ CALDAS FILHO, C. R.; LIMA, E. A. S. A teologia imaginativa de C. S. Lewis: O sobrinho do mago e a visão lewisiana da criação. *Caminhos*, v. 18, p. 840-858, 2020, p. 840.

⁴ Entende-se *legalismo*, nessa pesquisa, como “a tendência de enfatizar a lei em detrimento da graça” (MEISTER, Mauro. *Lei e graça*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 84), ou seja, trata-se da tentativa de estabelecer um relacionamento positivo com Deus a partir do cumprimento da lei. Logo, é uma “distorção da obediência requerida pelas Escrituras”, pois “proclama que o homem pode obter mérito diante de Deus para a salvação e conquista de favores” (p. 84).

uma relação legalista com a Lei de Deus não produz nenhum alívio para a alma, mas somente frustração pelas constantes falhas e medo pela condenação.

Assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a vida e a obra de Lewis, bem como comentários sobre o capítulo 7 de Romanos, alguns dos resultados obtidos com essa pesquisa foram: 1) a sociedade legalista e moralista apresentada em *O regresso do peregrino* fazem com que a personagem principal tenha uma visão incorreta do relacionamento com o Deus daquele mundo; 2) o relato do Apóstolo Paulo demonstra um grande conflito interno e uma frustração com relação ao cumprimento da lei; e 3) a visão legalista a que Lewis foi submetido em sua adolescência fez com que o mesmo abandonasse a fé e mergulhasse no ateísmo.

1. A EXPERIÊNCIA NEGATIVA DE JOÃO COM O LEGALISMO

Neste ponto, será analisada a experiência negativa de João com o legalismo, conforme representada por C. S. Lewis em *O regresso do peregrino*. Inicialmente, será abordado o recebimento da Lei pelo protagonista e a maneira como ele passa a compreender as regras impostas pelo Proprietário. Em seguida, será examinada sua relação com essas regras, marcada pela dificuldade de cumpri-las e pelo temor da condenação. Por fim, serão discutidas as consequências dessa experiência para a vida de João, especialmente para sua percepção do Proprietário e para a forma como passa a lidar com a culpa e a possibilidade de punição. Essa análise permitirá compreender como a representação literária de Lewis relaciona o legalismo ao medo e à frustração, estabelecendo uma aproximação com a reflexão paulina sobre a Lei em Romanos 7.

1.1 O recebimento da Lei

The pilgrim's regress (O regresso do peregrino) é o primeiro romance de C. S. Lewis, bem como o primeiro livro que ele escreveu após sua conversão, em 1932. Escrito em apenas duas semanas,⁵ trata-se de uma das obras menos lidas e estudadas do autor, uma vez que a linguagem rebuscada, excessiva intelectualidade e inúmeras referências filosóficas e teológicas deixaram a obra complexa e opaca.⁶ Anos mais tarde, em 19 de janeiro de 1953, Lewis reconheceu, em carta para uma leitora, Sra. Edward A. Allen, que, por ser seu primeiro livro religioso, não sabia como explicar os novos conceitos de maneira fácil, e aconselha que ela “não perca mais tempo com ele”.⁷

⁵ PIPER, John. “C. S. Lewis. Racionalista Romântico: como os caminhos até Cristo moldaram sua vida e seu ministério”. In: MATHIS, David; PIPER, John (Orgs.). **O racionalista romântico**. Tradução de David Portela. Brasília, DF: Monergismo, 2017, p. 27.

⁶ MCGRATH, ALISTER E. **A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia**. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p. 188; JASPER, David. “The Pilgrim’s Regress e Surprised by Joy”. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Orgs.). **C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 284; RANGEL JUNIOR, José Luiz Coelho. **Metáfora e imaginação poética na obra crítica de C. S. Lewis**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Departamento de Letras, 2020, p. 80.

⁷ LEWIS, C. S. **Cartas de C. S. Lewis**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021a, p. 520.

O leitor é apresentado à história de João, um menino que mora no Reino de Puritânea.⁸ Tal reino é governado pelo Proprietário, o dono daquela terra que vive num castelo nas montanhas e é representado pelos seus Mordomos.⁹ Lewis apresenta, aqui, as figuras literárias de sua obra que representam Deus e os diferentes líderes religiosos (padres, pastores, sacerdotes).

Ainda na infância, João já demonstrava comportamento questionável, pois desejava atirar uma pedra em um pássaro por simples maldade.¹⁰ Quando completou certa idade, precisou apresentar-se diante de um Mordomo que lhe entregou uma lista de regras, afirmando: “Aqui está uma lista de todas as coisas que o Proprietário diz que você não deve fazer. É bom dar uma olhada nela”.¹¹ Esta é, por sua vez, uma clara referência à entrega da Lei em Êx 20.1-21. Num primeiro momento, o menino fica impressionado, pois a lista de regras era imensa e impossível de ser decorada, além de apresentar transgressões que ele nunca havia ouvido falar e, também, “proibia coisas que ele vinha fazendo todos os dias e que não podia sequer imaginar não fazer”.¹²

Por fim, ao receber a lista de regras, João aprende algo sobre o próprio Proprietário: caso o garoto descumpra alguma delas, será castigado e jogado numa espécie de Buraco Negro. Assim, sua visão sobre o Proprietário torna-se a de um homem “extraordinariamente bondoso e humano com seus inquilinos e que, certamente, torturaria a maioria deles até a morte, caso tivesse o mais leve pretexto para fazê-lo”.¹³

Logo, percebe-se que Lewis utiliza-se da Teologia Imaginativa para ilustrar questões bíblicas e seu pensamento religioso. O autor apresenta, de maneira lúdica: 1) a inclinação humana para o pecado, mesmo antes de receber a lei; 2) a figura de um Deus e de seus representantes terrenos; e 3) a entrega de uma lista sem fim de leis e regras a serem seguidas por João. Agora, será apresentada a maneira como João se relaciona com as regras que recebeu.

1.2 A relação de João com as regras do Proprietário

A relação do garoto com as regras que recebeu do Proprietário pode ser definida como temor e desespero. Com o passar dos dias, João percebe ser impossível cumprir as regras escritas na lista. Diante dessa constatação, o medo e a ansiedade começam a tomar conta da personagem, uma vez que seu maior temor é ser lançado no Buraco Negro.

Sempre que consultava sua própria consciência, percebia que havia violado diversas regras ao longo do dia, apesar de conseguir cumprir algumas.¹⁴ Em outros momentos, quando decidia que não tentaria mais cumpri-las, após alguns dias o temor voltava pior que antes,

⁸ LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022a, p. 31.

⁹ LEWIS, 2022a, p. 31-32, 41.

¹⁰ LEWIS, 2022a, p. 31-32.

¹¹ LEWIS, 2022a, p. 33.

¹² LEWIS, 2022a, p. 33.

¹³ LEWIS, 2022a, p. 34.

¹⁴ LEWIS, 2022a, p. 36.

visto a quantidade de regras que haviam sido quebradas.¹⁵ As regras do Proprietário não apresentavam nenhum alento ou descanso para a alma aflita do garoto, apenas a certeza da condenação.

Diante desse cenário, certo dia o garoto relata que, passeando em meio à floresta, recebe visões de uma espécie de Ilha remota e distante. Por algum motivo, começa a desejá-la e seu pensamento e esperanças ficam cativos à existência dessa Ilha.¹⁶ Nesse ponto da história, a sensação é que haverá uma mudança positiva para João, mas não é o que ocorre. Não obstante, a situação de João torna-se ainda mais desesperadora.

O narrador dá a entender que se passou muito tempo na história, e João segue refém das normas que não consegue cumprir.¹⁷ O ponto de maior desespero da personagem ocorre quando se envolve sexualmente com uma *Menina cor de bronze*, que representa a luxúria e o desejo sexual pecaminoso do garoto.¹⁸ Após tal envolvimento, João sente que “o peso de todas as regras que ele havia violado caiu sobre ele”.¹⁹ A descrição que o narrador faz dessa época da vida da personagem ilustra o desespero da mesma:

Acordava de manhã cheio de medo, pegava seu cartão, o lia [...] e determinava que naquele dia, verdadeiramente, começaria a cumprir as regras. E, naquele dia, ele cumpria, mas a tensão era insuportável. [...] No entanto, amanhã era sempre mais difícil e o terceiro dia era pior de todos. E, naquele terceiro dia, [...] se arrastava até a cama, morto de cansaço e ferido na alma.²⁰

Em meio a toda essa situação, João nunca esqueceu completamente da visão da Ilha que teve na floresta. Percebendo que não haveria esperança para ele se continuasse nessa situação, é impulsionado tanto pelo medo do Proprietário quanto pelo desejo pela Ilha e, reunindo toda sua coragem, sai numa peregrinação atrás da mesma.²¹ Assim, percebe-se que a relação de João com as regras que recebeu do Proprietário era marcada pela frustração em não conseguir cumpri-las, seguida pelo medo da condenação e do Buraco Negro. A seguir serão demonstradas as consequências dessa visão legalista na vida de João e em seu relacionamento com o Proprietário.

1.3 Consequências do legalismo imposto a João

Por viver neste padrão legalista de sociedade, já foi demonstrado como João temia a condenação do Buraco Negro, tanto para si quanto para outros.²² Além disso, outras personagens também sofriam do mesmo problema, como é o caso de Sr. Epicuro, um “doente mental” que “tinha um medo crônico do buraco negro”.²³ João carrega esse medo pela

¹⁵ LEWIS, 2022a, p. 36.

¹⁶ LEWIS, 2022a, p. 37-38.

¹⁷ LEWIS, 2022a, p. 43.

¹⁸ LEWIS, 2022a, p. 43-47.

¹⁹ LEWIS, 2022a, p. 48.

²⁰ LEWIS, 2022a, p. 49.

²¹ LEWIS, 2022a, p. 50.

²² LEWIS, 2022a, p. 36, 42, 49.

²³ LEWIS, 2022a, p. 148.

condenação até o ponto em que deixa de acreditar nela. Em determinado ponto da trama, ele é convencido por Sr. Iluminismo que o Proprietário e o Buraco Negro não existem e, após isso, apresenta um comportamento muito diferente do apresentado até então:

Ele parou ali, não porque estivesse cansado, mas porque estava muito feliz por ser capaz de movimentar-se tão levemente. “Não há nenhum Proprietário”, ele gritava. Tamanho peso havia sido retirado de sua mente que ele sentia como se pudesse voar [...]. “Não há nenhum Proprietário. Não há nenhum buraco negro”.²⁴

Também se pontua a relação com o próprio Proprietário que João desenvolve graças ao temor da condenação. O garoto coloca-se abaixo da autoridade do Proprietário não por devoção ou gratidão, mas por medo do Buraco Negro.²⁵ Ao dialogar com a personagem Razão, esta convence o garoto que ele não teme a condenação, mas o próprio Proprietário, uma vez que é ele quem pode mandá-lo para o Buraco Negro.²⁶ Outra personagem da história, o Sr. Sabedoria, defende que, caso não se concorde abertamente com o Proprietário, o único motivo para obedecê-lo é o medo da punição e a esperança da recompensa.²⁷ Anos mais tarde, ao escrever *O problema da dor* (1940), Lewis retoma a ideia de obedecer à Deus pelo medo da condenação:

Não é elogioso a Deus que o escolhamos como alternativa ao Inferno: mesmo assim, ele aceita. A ilusão da autossuficiência da criatura deve, pelo bem da criatura, ser destruída; e por meio de problemas ou de medo de problemas na terra, pelo medo grosseiro das chamas eternas, Deus a despedaça “sem se importar com a diminuição da própria glória”.²⁸

Dessa maneira, é possível concluir que as regras do Proprietário, ilustração da Lei de Deus, fazem com que João: 1) viva sob constante tensão e temor da condenação; 2) perceba-se incapaz de cumpri-las; 3) paute sua relação com o Proprietário a partir do medo; e 4) utilize esse medo para buscar sua Ilha, que é uma metáfora para o Céu. Todos os sentimentos que João enfrenta diante das regras são semelhantes aos descritos pelo Apóstolo Paulo em Romanos 7. Tal relação será analisada na próxima seção.

2. A EXPERIÊNCIA RELATADA POR PAULO SOBRE O LEGALISMO

No sétimo capítulo da Epístola aos Romanos, Paulo faz algumas afirmações sobre a lei que se assemelham àquilo já descrito pela personagem João. Primeiramente, diversos autores trabalham sobre a questão do “eu” no referido capítulo. A dúvida é se Paulo estaria contando um relato pessoal, falando da experiência de outra pessoa ou do povo judeu como um todo.²⁹

²⁴ LEWIS, 2022a, p. 59.

²⁵ LEWIS, 2022a, p. 61.

²⁶ LEWIS, 2022a, p. 118.

²⁷ LEWIS, 2022a, p. 207.

²⁸ LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021b, p. 127.

²⁹ STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2017, p. 237-241; MOO, Douglas J. “Romanos”. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário Bíblico**: Nova Vida. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1712; KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. Novo Testamento.

Essa pesquisa não se concentrará em tal questão, pois o que importa é a experiência em si, e não as personagens alvo.

Assim, iniciam-se as considerações pelo versículo 7: “Que diremos então? Que a lei é pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, a não ser por meio da lei. Porque eu não teria conhecido a cobiça, se a lei não tivesse dito: ‘Não cobiça’”.³⁰ João Calvino explica que, quando Paulo questiona “a lei é pecado?”, ele está perguntando se “a culpa da existência do pecado deve ser lançada sobre a lei”.³¹ A resposta é negativa, pois a culpa pelo pecado é da própria natureza humana. Todavia, Douglas Moo afirma que, na visão de Paulo, ao apresentar a vontade de Deus, a lei dá oportunidade para que o pecado incite a rebeldia contra esta vontade, pois “a nossa propensão ao pecado é tamanha que o simples ato de rotular uma ação como transgressão contra a lei santa de Deus nos leva a violá-la”.³² Dessa maneira, dialogando com *O regresso do peregrino*, pode-se afirmar que as regras do Proprietário não são culpadas pela maldade de João, mas incitam sua natureza pecaminosa à transgressão.³³

Continuando as declarações do Apóstolo Paulo, no verso 9 o mesmo escreve: “Houve um tempo em que, sem a lei, eu vivia. Mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu, e eu morri”. Sobre esse verso, Craig Keener explica que um menino judeu só se tornava oficialmente responsável por observar a lei por volta dos 13 anos,³⁴ período da vida semelhante ao que João teve acesso às regras do Proprietário. Warren Wiersbe, por sua vez, traz um alerta àqueles que acreditam ser capazes de viver de acordo com a lei: tais pessoas “descobrem que seu sistema legalista só suscita mais pecado e cria mais problemas. [...] Seu legalismo não os tornava mais espirituais, e sim mais pecaminosos”.³⁵ João tentava todos os dias cumprir as regras do Proprietário, todavia, diante de sua falha, o mesmo sentia cada vez mais o peso da condenação.³⁶

Não obstante, a frustração em não conseguir cumprir a lei aparece em outros versos do capítulo 7 de Romanos:

Então, aquilo que é bom se tornou morte para mim? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para mostrar-se como pecado, por meio de uma coisa boa causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, o pecado mostrasse toda a sua força de pecado. Porque bem sabemos que a lei é espiritual. Eu, porém, sou carnal, vendido à escravidão do pecado. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto” (v.13- 15);

Tradução de José Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 521; PATE, C. Mavin. **Romanos**. Tradução de Suzana Klassen e Vanderlei Ortigosa. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 157.

³⁰ Todas as citações bíblicas seguirão a tradução da Nova Almeida Atualizada (NAA), salvo quando indicado o contrário.

³¹ CALVINO, João. **Romanos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 274.

³² MOO, 2009, p. 1712.

³³ LEWIS, 2022a, p. 31-32.

³⁴ KEENER, 2017, p. 521.

³⁵ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento I. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 698.

³⁶ LEWIS, 2022a, p. 49.

Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim, mas não o realizá-lo. Porque não faço o bem que eu quero, mas o mal que não quero, esse faço (v. 18-19).

Os estudiosos de Paulo comentam sobre essa frustração descrita pelo apóstolo. Craig Keener afirma que, nesses versos, o objetivo de Paulo é demonstrar como a pecaminosidade humana leva as pessoas ao descumprimento da lei.³⁷ Douglas Moo defende ser um lamento de um judeu não regenerado, frustrado graças a sua incapacidade de obedecer a vontade de Deus.³⁸ João Calvino também concorda ser um lamento do apóstolo, visto sua inabilidade em fazer o bem e seu fracasso constante para obedecer.³⁹ Por fim, Warren Wiersbe comenta que, de acordo com o texto, até quando o homem acredita fazer o bem, o pecado está presente em suas ações.⁴⁰

O clímax do capítulo está na exclamação do apóstolo, presente no verso 24: “Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”. Esse é o lamento de um homem sincero, que, diante de sua incapacidade, sente-se frustrado por não obedecer à vontade de Deus.⁴¹ Assim, percebe-se que a relação de João com as regras do Proprietário, em *O regresso do peregrino*, ecoa a experiência de Paulo (ou todo povo judeu) diante da lei de Deus: ambas as relações tratam de frustração, pensamentos pecaminosos e uma incapacidade de seguir as normas. Todavia, essas relações também dialogam com a do próprio C. S. Lewis diante do legalismo que fora exposto em determinado momento da vida.

3. A EXPERIÊNCIA NEGATIVA DE LEWIS COM O LEGALISMO

Neste ponto, será analisada a experiência de C. S. Lewis com o legalismo e sua relação com o processo de afastamento da fé cristã durante a adolescência. Inicialmente, será discutido em que medida *O regresso do peregrino* pode ser compreendido como uma alegoria autobiográfica, considerando tanto os paralelos entre a trajetória do autor e a de João quanto a intenção de representar uma experiência mais ampla de conversão. Em seguida, será examinada a formação religiosa de Lewis e sua experiência com uma religiosidade marcada pela culpa, pelo temor e pela dificuldade de corresponder às exigências que estabelecia para si mesmo. Por fim, serão abordadas as consequências desse processo para sua relação com o cristianismo, especialmente o afastamento da fé e a postura crítica que passou a assumir em relação à religião. Essa análise permitirá compreender as possíveis relações entre a experiência pessoal de Lewis e a representação literária do legalismo em seu romance.

³⁷ KEENER, 2017, p. 522.

³⁸ MOO, 2009, p. 1713.

³⁹ CALVINO, 2014, p. 288.

⁴⁰ WIERSBE, 2006, p. 700.

⁴¹ MOO, 2009, p. 1714.

3.1 Uma alegoria autobiográfica?

Grande parte dos estudiosos de C. S. Lewis defende que *O regresso do peregrino* se trata de “um relato alegórico da sua conversão”.⁴² Alister MacGrath defende que, no romance, Lewis explica como chegou à fé e, não apenas isso, mas também fala de seus desafios ao longo do caminho; logo, seria muito mais uma ilustração da jornada de conversão do autor do que uma defesa da fé cristã.⁴³

No entanto, existem argumentos contrários a esta ideia. Em primeiro lugar, o próprio Lewis nega que desejou escrever algo do tipo: “Eu estava tentando generalizar, não contar às pessoas sobre minha vida”.⁴⁴ Ou seja, ele não queria representar-se através de João, mas ilustrar um processo de conversão geral para os leitores se identificarem. Em segundo lugar, Rangel Júnior afirma que João segue a tradição medieval do *Everyman* (Todo mundo), uma personagem dos teatros da época que funcionava como “um representante do próprio gênero humano”.⁴⁵ Assim, novamente é possível afirmar que Lewis desejava representar não somente o seu processo de conversão, mas um processo que poderia ser semelhante ao de qualquer pessoa.

Uma possibilidade de resposta para essa questão consiste em não, necessariamente, negar nenhuma das duas visões. Assim, por mais que Lewis não desejasse escrever uma alegoria autobiográfica, são inegáveis os paralelos que podem ser encontrados entre a vida de João e a história do autor. Situações como os dilemas filosóficos e morais, a negação pública da fé e o envolvimento com o paganismo não atingem a maioria das pessoas, mas atingiram C. S. Lewis.

Dessa maneira, apesar de objetivar a criação de um *Everyman* que representasse toda a humanidade, Lewis utilizou a si mesmo como maior exemplo do processo de conversão à fé em Deus. E parte das situações que envolvem a chegada de Lewis à fé em Deus, passando por um longo período de ateísmo, diz respeito à experiência religiosa moralista e legalista a qual foi submetido em sua infância e adolescência.

⁴² MCGRATH, ALISTER E. “C. S. Lewis: a apologética imaginativa de um convertido relutante”. In: FORREST, Benjamin K.; CHATRAW, Joshua D.; MCGRATH, Alister E. (orgs). **A história da apologética**: uma introdução biográfica e metodológica. Tradução de Leandro Bachega e Daniel Kroker. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 730. Cf. DOWNING, David. **C. S. Lewis**: o mais relutante dos convertidos. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p. 48; GREGGERSEN, Gabriele. “Prefácio à edição brasileira”. In: DOWNING, David. **C. S. Lewis**: o mais relutante dos convertidos. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p. 10; MACHADO, Diogo Miguel Mota Carmo Gonçalves. **Esperança, Transposição e Glória**: uma abordagem temática à Escatologia de Clive Staples Lewis. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 2019, p. 12.

⁴³ MCGRATH, ALISTER E. **Deep Magic, dragons and talking mice**: how reading C. S. Lewis can change your life. London: Hodder & Stoughton, 2014. E-book Kindle, 675 KB.

⁴⁴ LEWIS, C. S. “Prefácio à terceira edição”. In: LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022b, p. 28.

⁴⁵ RANGEL JUNIOR, 2020, p. 79-86.

3.2 A religiosidade de Lewis e sua chegada ao ateísmo

“Nasci no inverno de 1898, em Belfast, filho de um advogado e da filha de um pastor”,⁴⁶ essa é a frase de abertura da autobiografia de C. S. Lewis, *Surprised by joy* (Surpreendido pela alegria) (1947). Por ser neto de um pastor, é de se esperar que Lewis tivesse a questão religiosa presente em sua vida. Thomas Hamilton, avô materno de Lewis, era pároco na Igreja Anglicana de São Marcos, e o garoto acompanhava sua família aos domingos quando frequentavam tal comunidade.⁴⁷ Todavia, frequentar uma igreja não significa, necessariamente, possuir fé em Deus, e, “se Lewis teve alguma fé cristã na fase inicial de sua vida, não demorou para perdê-la”.⁴⁸

David Downing afirma que Lewis, quando entrou na adolescência, desenvolveu “uma vida religiosa que se apresentou primeiramente opressiva e, depois, irrelevante”.⁴⁹ Isso se deu, em parte, graças ao tempo que o mesmo passou na Escola Wynyard (1908-1910). Lewis relata, em sua autobiografia, que, numa manhã qualquer, vestiu uma roupa que o deixou “sufocado, suando, sentindo comichões [...], estrangulado por um colarinho engomado, os pés já doendo dentro das botas novas”.⁵⁰ Esta descrição se assemelha muito à que faz de João quando ele vai receber a lista de regras: “João foi obrigado a vestir roupas novas. Eram as roupas mais feias que já foram colocadas nele e com as quais ele nem se incomodou, mas elas também pinicavam seu queixo e eram apertadas nos braços, o que o deixou bastante incomodado e com coceiras por todo o corpo”.⁵¹

Uma vez que Wynyard obrigava seus alunos a comparecer na Igreja Anglicana, Lewis relata que lá se tornou, pela primeira vez, um crente competente, pois ouvia as doutrinas do cristianismo de homens que realmente criam nelas.⁵² Todavia, também admite que sua experiência religiosa nesse período foi marcada pelo temor: “Eu temia por minha alma, especialmente em certas noites de luar resplandecente naquele dormitório sem cortinas. [...] Comecei com seriedade a orar, a ler minha Bíblia e tentar obedecer à minha consciência. A religião figurava entre os assuntos que debatíamos com frequência”⁵³. Downing escreve que as crenças recém-descobertas de Lewis lhe causaram apenas autocondenação, pois o mesmo vivia preso num legalismo particular, nunca acreditando que suas preces eram boas o bastante para Deus, logo, “o garotinho solitário aprisionou-se em uma religião da culpa, não da graça”.⁵⁴

⁴⁶ LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021c, p. 13.

⁴⁷ DURIEZ, Colin. **J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018, p. 24; MIRANDA, Vinicius A.; GREGGERSEN, Gabriele. **O outro nome de Aslam: a simbologia bíblica nas Crônicas de Nárnia**. Osasco: 100% Cristão, 2019, p. 14.

⁴⁸ MCGRATH, 2022, p. 729.

⁴⁹ DOWNING, 2006, p. 40.

⁵⁰ LEWIS, 2021c, p. 33.

⁵¹ LEWIS, 2022a, p. 32.

⁵² LEWIS, 2021c, p. 45.

⁵³ LEWIS, 2021c, p. 46.

⁵⁴ DOWNING, 2006, p. 50.

A experiência religiosa de Lewis em sua próxima escola, a Cherbourg School (1911-1913), não foi muito diferente da primeira. Aliás, é possível que tenha sido pior, pois ele admite que foi ali que deixou de ser cristão.⁵⁵ Segundo ele, nesse período já estava “desesperadamente ansioso” para se “livrar da religião”, e o motivo é que o mesmo havia transformado sua devoção pessoal “num fardo quase intolerável”.⁵⁶ Lewis estabeleceu um padrão espiritual tão elevado para si mesmo no que diz respeito à oração que, percebendo ser impossível alcançar, a solução que encontrou foi deixar toda fé para trás.

Por fim, o próprio Lewis admite: “e assim, pouco a pouco, com flutuações que não posso hoje precisar, tornei-me apóstata, abandonando minha fé sem nenhum senso de perda, mas com o maior alívio”.⁵⁷ Então, é possível notar que um dos principais motivos que levou Lewis ao ateísmo foi a experiência religiosa legalista e negativa a qual foi submetido no início de sua adolescência. O que se relaciona diretamente com a experiência de João, de *O regresso do peregrino*, e a descrita por Paulo, em Romanos 7. A seguir, serão desenvolvidas as consequências do abandono da fé cristã por C. S. Lewis.

3.3 As consequências do ateísmo de C. S. Lewis

Até 1929, ano em que iniciou seu processo de conversão, Lewis demonstrava um grande desprezo pela religião, em especial pelo cristianismo. Em 12 de outubro de 1916, Lewis escreve para seu amigo Arthur Greeves que não acredita em nenhuma religião.⁵⁸ Para ele, não havia prova da veracidade de nenhuma religião, e, “de um ponto de vista filosófico, o cristianismo não é nem mesmo a melhor delas”.⁵⁹ Ao longo de toda correspondência entre Lewis e Greeves no período em questão, o primeiro sempre desviava dos assuntos principais para zombar do cristianismo seguido pelo seu amigo.⁶⁰

Já em carta endereçada à seu irmão mais velho, Warren, em 20 de abril de 1921, chama os hebreus de “primitivos classe A”.⁶¹ Em seu diário pessoal, em especial em registros do ano de 1922, também apresenta seu desprezo: 1) em 11 de junho, afirma de a Bíblia e o Livro de Oração Comum eram considerados ortodoxos apenas por pessoas antiquadas;⁶² 2) em 31 de agosto, chama o Exército da Salvação de “banda infernal”;⁶³ e, 3) em 18 de outubro, critica os autores bíblicos afirmando que “se tem muito pouco ensinamento definido nos Evangelhos: os escritores aparentemente viram algo esmagador, mas foram incapazes de reproduzi-lo”.⁶⁴ Por fim, em outra de suas cartas, endereçadas a seu próprio pai, em 31 de março de 1928,

⁵⁵ LEWIS, 2021c, p. 72.

⁵⁶ LEWIS, 2021c, p. 74.

⁵⁷ LEWIS, 2021c, p. 79.

⁵⁸ LEWIS, 2021a, p. 64.

⁵⁹ LEWIS, 2021a, p. 64.

⁶⁰ DOWNING, 2006, p. 66.

⁶¹ LEWIS, 2021a, p. 153.

⁶² LEWIS, C. S. **Todo meu caminho diante de mim**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 76.

⁶³ LEWIS, 2020, p. 138.

⁶⁴ LEWIS, 2020, p. 169.

reclama de um avivamento religioso que acontecia em Oxford, afirmando que, caso alguém tentasse suprimir tal movimento, “só o que vai conseguir é criar mártires”.⁶⁵

Dessa maneira, é possível notar como a experiência negativa de Lewis com uma visão legalista do cristianismo em sua adolescência gerou sérias consequências para sua vida espiritual. Ao interpretar a religião cristã como um sistema moralista de regras de comportamento que nunca serão plenamente cumpridas, Lewis desenvolve aversão pela mesma, sentindo-se em paz, finalmente, quando abandona sua fé. Novamente, algo muito semelhante com o que acontece com sua personagem de *O regresso do peregrino*.⁶⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O regresso do peregrino trata-se de uma obra que se inicia demonstrando a angústia de um garoto submetido a um sistema legalista de vida e religião. A partir do momento que João descobre que sua relação com o Proprietário é condicionada pelo cumprimento cego de inúmeras normas, e a condenação ao Buraco Negro é um castigo imposto pelo mesmo, os únicos sentimentos gerados dessa situação são temor, desespero e frustração:

Está claro que, no entendimento do Lewis mais velho, esse é o tipo de ensinamento do qual uma pessoa necessita fugir a fim de chegar à fé verdadeira. O Encarregado [Mordomo] não oferece salvação por meio da graça obtida pela fé, mas, em vez disso, um código legalista abrangente, tão detalhado e arbitrário que somente pode levar à exaustão moral ou à hipocrisia.⁶⁷

Enquanto isso, o apóstolo Paulo, no capítulo 7 da Epístola aos Romanos, apresenta a imagem de alguém que passa por situação semelhante. Independente se ele narra sua própria história ou faz alusão da história de Israel como um todo, a conclusão é a mesma: o relacionamento legalista com a Lei de Deus não oferece nenhum tipo de conforto, apenas o mesmo sentimento de João, a frustração e o medo da condenação.

Por fim, o próprio Lewis relata que sua vida religiosa, por muito tempo, também foi pautada num sistema legalista e moralista que não lhe oferecia nenhum alento. Quando garoto, era obrigado a frequentar uma comunidade de fé marcada pelo legalismo e, após isso, estabeleceu para si mesmo padrões morais e religiosos que não conseguia cumprir. As consequências dessa relação com a religião foi o afastamento de Lewis de sua vida com Deus e um longo período de ateísmo por parte dele.

Dessa maneira, é possível perceber como as três situações aqui apresentadas se relacionam: a personagem João, o apóstolo Paulo e C. S. Lewis relatam as consequências negativas que uma experiência legalista pode gerar em alguém. Logo, destaca-se, também, a maneira como Lewis utiliza-se de sua Literatura Imaginativa para ilustrar o erro de uma relação legalista com a Lei de Deus, bem como sua própria experiência com um sistema religioso também marcado pelo extremo legalismo e moralismo.

⁶⁵ LEWIS, 2021a, p. 209.

⁶⁶ LEWIS, 2022a, p. 59.

⁶⁷ DOWNING, 2006, p. 49.

REFERÊNCIAS

CALDAS FILHO, C. R.; LIMA, E. A. S. A teologia imaginativa de C. S. Lewis: O sobrinho do mago e a visão lewisiana da criação. **Caminhos**, v. 18, p. 840-858, 2020.

CALVINO, João. **Romanos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2014.

DOWNING, David. **C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos**. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006.

DURIEZ, Colin. **J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

GREGGERSEN, Gabriele. “Prefácio à edição brasileira”. In: DOWNING, David. **C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos**. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p. 9-10.

JASPER, David. “The Pilgrim’s Regress e Surprised by Joy”. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Orgs.). **C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 279-295.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. Novo Testamento. Tradução de Josá Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LEWIS, C. S. “Prefácio à terceira edição”. In: LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022b, p. 15-28.

LEWIS, C. S. **Cartas de C. S. Lewis**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021a.

LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021b.

LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022a.

LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021c.

LEWIS, C. S. **Todo meu caminho diante de mim**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

MACHADO, Diogo Miguel Mota Carmo Gonçalves. **Esperança, Transposição e Glória: uma abordagem temática à Escatologia de Clive Staples Lewis**. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 2019.

MCGRATH, ALISTER E. “C. S. Lewis: a apologética imaginativa de um convertido relutante”. In: FORREST, Benjamin K.; CHATRAW, Joshua D.; MCGRATH, Alister E. (orgs.). **A história da**

apologética: uma introdução biográfica e metodológica. Tradução de Leandro Bachega e Daniel Kroker. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 729-745.

MCGRATH, ALISTER E. **A vida de C. S. Lewis**: do ateísmo às terras de Nárnia. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MCGRATH, ALISTER E. **Deep Magic, dragons and talking mice**: how reading C. S. Lewis can change your life. London: Hodder & Stoughton, 2014. E-book Kindle, 675 KB.

MEISTER, Mauro. **Lei e graça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

MIRANDA, Vinicius A.; GREGGERSEN, Gabriele. **O outro nome de Aslam**: a simbologia bíblica nas Crônicas de Nárnia. Osasco: 100% Cristão, 2019.

MOO, Douglas J. “Romanos”. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário Bíblico**: Nova Vida. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1678-1745.

PATE, C. Mavin. **Romanos**. Tradução de Suzana Klassen e Vanderlei Ortigosa. São Paulo: Vida Nova, 2015. (Série Comentário Expositivo).

PIPER, John. “C. S. Lewis. Racionalista Romântico: como os caminhos até Cristo moldaram sua vida e seu ministério”. In: MATHIS, David; PIPER, John (Orgs.). **O racionalista romântico**. Tradução de David Portela. Brasília, DF: Monergismo, 2017, p. 23-46.

RANGEL JUNIOR, José Luiz Coelho. **Metáfora e imaginação poética na obra crítica de C. S. Lewis**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Departamento de Letras, 2020.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2017. (Coleção A Bíblia fala hoje).

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento I. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.